

ARAÚJO, Bernardo Horta de

*dep. fed. ES 1903-1912.

Bernardo Horta de Araújo nasceu em Itapemirim (ES) no dia 20 de fevereiro de 1862, filho de José Feliciano Horta de Araújo e de Isabel Lima. Seu pai era um advogado de prestígio em Cachoeiro de Itapemirim, tendo sido deputado provincial em diversas legislaturas e deputado geral pela província do Espírito Santo, sempre pelo Partido Liberal. Sua mãe era filha do barão de Itapemirim, poderoso chefe político liberal em meados do século XIX.

Bernardo Horta fez o curso de humanidades no Ateneu Provincial, em Vitória, e diplomou-se na Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1882. Voltou a Cachoeiro de Itapemirim e aí abriu uma farmácia e se engajou na propaganda republicana, para desgosto de seu pai. Participou da fundação do primeiro clube republicano do Espírito Santo, em 1887, e tornou-se redator-chefe do jornal *O Cachoeirano*, que fazia propaganda daquele regime. Nas eleições para a Assembleia Geral em 1889, os republicanos, que então já contavam com numerosos clubes, decidiram lançar um candidato a deputado e escolheram Bernardo Horta, que conseguiu muito boa votação, mas não foi eleito, segundo denunciaram, devido a manobras dos monarquistas.

Proclamada a República e empossado governador do Espírito Santo Afonso Cláudio, seu companheiro da propaganda republicana, Bernardo Horta, juntamente com Antônio Gomes Aguirre, com quem militara no clube e no jornal em Cachoeiro, foram nomeados vice-governadores. Participaram ambos do governo e da luta política e, em maio de 1890, convocaram um congresso visando a formar forte estrutura partidária que unificasse os clubes republicanos e atraísse algumas correntes dos antigos partidos da monarquia. No congresso, presidido por Torquato Moreira, os participantes se dividiram, e os líderes de Cachoeiro, até então na direção dos republicanos do estado, não foram eleitos para o diretório. Segundo relato da imprensa da época, às vésperas do congresso havia sido combinado informalmente que os vice-governadores deveriam participar do diretório do

partido, já que se pensava, então, que o governador não deveria ter filiação partidária. Assim sendo, a exclusão de Bernardo Horta e Antônio Aguirre da direção obrigava-os moralmente a deixar o governo. Foi o que fizeram: não se engajaram na nova agremiação e renunciaram aos cargos de vice-governador.

Participaram, então, da formação de outro partido, a União Republicana Espírito-Santense (URES), dirigida pelo barão de Monjardim. A URES congregava uma importante corrente liberal, da qual fazia parte o pai de Bernardo, conhecido como Horta de Araújo, e uma corrente conservadora, às quais se juntaram os republicanos de Cachoeiro. Passaram à oposição ao governo de Afonso Cláudio, e travaram renhida luta política contra o Partido Republicano Construtor (PRC), que o apoiava.

Em março de 1891, Deodoro da Fonseca demitiu o governador Henrique Coutinho, do PRC, e nomeou Antônio Gomes Aguirre para substituí-lo. Bernardo Horta voltava ao poder. Em Cachoeiro, seu grupo retomou o governo municipal e ele próprio foi eleito deputado à Constituinte estadual, instalada a 6 de junho, que elegeu indiretamente o barão de Monjardim governador do estado, antes mesmo de votar a Constituição. Bernardo Horta teve grande influência na elaboração da carta constitucional. Porém, o predomínio da URES no estado durou pouco. O barão de Monjardim apoiou integralmente Deodoro, em choque com as mais poderosas bancadas do Congresso Nacional, inclusive quando o marechal desfechou o golpe de 3 de novembro de 1891, dissolvendo o Congresso e decretando o estado de sítio na capital federal. A forte reação ao golpe levou Deodoro à renúncia, e seu vice, Floriano Peixoto, à presidência. Nos estados, os governadores que haviam apoiado o golpe foram sendo depostos pouco a pouco, entre eles o barão de Monjardim.

O PRC voltou ao poder e governou o Espírito Santo até 1908. Bernardo Horta manteve-se na oposição até 1898, inicialmente na URES e, quando esta se dissolveu no final de 1896, na seção estadual do Partido Republicano Federal, formado pelos unionistas, aliados a uma dissidência do PRC. Durante esse período, Bernardo Horta atuou politicamente em Cachoeiro, onde era o principal chefe de uma forte oposição, apoiada pelo jornal *O*

Cachoeirano, do qual continuava redator. Em 1896 candidatou-se ao Conselho Municipal e elegeu-se em um pleito dos mais conturbados. Durante seu mandato, presidiu o governo do município diversas vezes.

Em 1899, o PRC se recompôs sob a liderança de Muniz Freire, acompanhando a pacificação da política federal promovida com a eleição de Campos Sales. O Partido Autonomista, do barão de Monjardim, que se separara da URES em 1894, fundiu-se ao PRC, que passou a se chamar Partido Republicano Construtor Autonomista (PRCA). Muniz Freire conseguiu recuperar a maior parte dos dissidentes e atraiu Bernardo Horta, que se integrou ao partido. Em 1900, foi reeleito membro do Conselho Municipal de Cachoeiro, que presidiu até 1903. Ainda não havia prefeitos no Espírito Santo, e os presidentes dos governos municipais exerciam o Poder Executivo local. A administração de Bernardo Horta destacou-se por ter empreendido a construção de uma hidrelétrica que fez de Cachoeiro de Itapemirim a primeira cidade a ter energia elétrica no estado.

Em 1903, Bernardo Horta foi eleito deputado federal; foi reeleito em 1906 na chapa dissidente do PRCA encabeçada por Muniz Freire, e novamente em 1909, já no Partido Republicano Espírito-Santense (PRES), criado no governo de Jerônimo Monteiro em substituição ao PRCA. Em 1912, na sucessão de Jerônimo, opôs-se à candidatura governista de Marcondes Alves de Sousa, e não foi incluído na chapa para o Congresso Nacional.

Bernardo Horta participou de uma comissão do governo estadual para tratar da questão de limites com Minas Geras na região do alto vale do rio Itapemirim, para a qual realizou minuciosos estudos, publicados sob o título *Limites dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo: exposição dos motivos e documentos pelo Estado do Espírito Santo*.

Provavelmente a política o afastou do controle dos negócios, considerado o insucesso comercial da farmácia que abrira em Cachoeiro; seu sócio cometeu um desfalque e foi preciso vendê-la, mas restou uma pesada dívida que nunca conseguiu pagar. Daí em diante, sua situação financeira se deteriorou progressivamente. Teve, também, problemas de saúde, que se agravaram e prejudicaram sua atuação no último mandato de deputado.

Em 1896 casara-se com Angelina Aires, filha de um importante comerciante de Cachoeiro, e tiveram cinco filhos. Angelina morreu precocemente, deixando os filhos pequenos. Viúvo, doente, sem recursos para cuidar da educação dos filhos, endividado, Bernardo Horta se suicidou na casa do irmão no Rio de Janeiro, a 20 de fevereiro de 1913, dia em que completava 51 anos de idade.

Nara Saletto/Fernando Achiamé

FONTES: *Cachoeirano* (1911-1913); *Comércio do Espírito Santo* (1896-1900, 1908-1909); *Estado do Espírito Santo* (1890-1900); PEREIRA, A. *Homens*; SANTOS, A. *Republicano*.